SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital

REVISTA ACADÊMICA
DIGITAL

ISSN 2595-5934

MAR 2025 EDIÇÃO Nº 83



REVISTA ACADÊMICA
DIGITAL

PERIODICIDADE
MENSAL

IDIOMAS
PORTUGUÊS E INGLÊS

www.souzaeadrevistaacademica.com.br

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

O ENSINO DE FILOSOFIA E KANT: BREVES APONTAMENTOS E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

TEACHING PHILOSOPHY AND KANT: BRIEF NOTES AND POSSIBILITIES OF APPLICATION IN THE CLASSROOM

CORRÊA, Jackeson Alves[1]

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a perspectiva do filósofo alemão Immanuel Kant a respeito de alguns pontos sobre o ensino de filosofia. Tendo como problema central: O que é exigido dos docentes em relação a práxis do ensino de filosofia? Será analisado o ensino de filosofia, conceito e prática, o que possivelmente é ensinar a filosofar e como se daria o ensinar acerca da história da filosofia. O método de pesquisa baseou-se na revisão bibliográfica de caráter exploratório, já que foram analisadas obras sobre a temática proposta, o que nos levou a refletir sobre o que nelas consta que converge ou não com a realidade que nos é apresentada no ensino de filosofia na educação básica. Este artigo se apresentará da seguinte maneira: Análise sobre a distinção entre filosofia e ato de filosofar, possibilidades de trabalhar com isso em sala de aula na perspectiva de Kant e discutir o papel do professor como facilitador do esclarecimento visando a autonomia intelectual dos alunos; isso a partir das obras “A crítica da razão pura” e “Resposta à Pergunta: O que é esclarecimento?”, além de textos complementares do autor e de alguns pesquisadores do filósofo. Este artigo propõe uma análise das questões previamente discutidas, com o objetivo de oferecer uma visão mais ampla sobre o ensino de filosofia.

Palavras-chaves: Ensino de Filosofia. Filosofar. Kant.

ABSTRACT

This article aims to analyze the perspective of the German philosopher Immanuel Kant regarding certain aspects of the teaching of philosophy. The central problem addressed is: What is required from educators in relation to the praxis of teaching philosophy? The analysis will focus on the teaching of philosophy, its concept and practice, what it possibly means to teach how to philosophize, and how to teach the history of philosophy. The research method was based on an exploratory bibliographic review, as works on the proposed topic were analyzed, leading us to reflect on how their content aligns or diverges from the reality presented in the teaching of philosophy in basic education. This article is structured as follows: an analysis of the distinction between philosophy and the act of philosophizing, possibilities for addressing this in the classroom from Kant's perspective, and a discussion of the teacher's role as a

[1] Mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, PROF-FILO, Núcleo UFAM. Especialista em Religião, Filosofia e Sociologia pela Faculdade Eficaz. Especialista em Gestão e Supervisão Escolar pelo Centro Universitário Maurício de Nassau. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: jackrwr@gmail.com.

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

facilitator of enlightenment aimed at the intellectual autonomy of students; this will be explored through Kant's works *Critique of Pure Reason* and *Answer to the Question: What is Enlightenment?*, as well as complementary texts by the author and some scholars of his philosophy. This article proposes an analysis of the previously discussed issues with the aim of providing a broader understanding of philosophy teaching.
Keywords: Philosophy Teaching, Philosophy, Philosophizing, Kant.

INTRODUÇÃO

Quando o assunto é o ensino de filosofia pode-se dizer que é prudente iniciarmos pelo ato de filosofar e a história da filosofia propriamente dita, já que é comum que alguns docentes afirmem que a disciplina se baseia nisso. O percurso que trilharemos nessa explanação sobre ensinar filosofia será o de análise a respeito dos escritos do filósofo alemão Immanuel Kant (1724 – 1804) acerca do conhecimento racional, o ato de filosofar, a filosofia, a história da filosofia, contextualização histórica do tema proposto a ser ensinado, abordagem interdisciplinar desse conteúdo e não menos importante o papel do professor e a ascensão ao esclarecimento. Todos esses pontos são de suma importância para refletirmos posteriormente sobre a prática do ensino de filosofia a luz de ambas as abordagens: filosofar e história da filosofia. Propondo possíveis meios para suas aplicabilidades, além de se discutir a função do docente em busca da autonomia, reflexo do esclarecimento abordado por Kant, onde se abre caminho para a discussão sobre a liberdade de expressão e o papel desse indivíduo enquanto participante ativo de um grupo institucional (escola) firmemente consolidado em propagar ideias, levando em consideração, o quanto é importante esse agir de forma livre visando possivelmente o progresso.

FILOSOFAR X HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Para a compreensão de ambas as abordagens e suas diferenças em Kant, é imprescindível discorrermos sobre a dicotomia existente entre os conhecimentos históricos e os racionais. Os racionais tratam de enunciados necessariamente advindos da razão pura, exemplos são a filosofia e a matemática. Já os

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

conhecimentos históricos estão intimamente ligados aos enunciados contingentes que provém das experiências empíricas. Kant (2018) reconhece a existência de dois tipos de conhecimento: o histórico e o racional. O conhecimento é considerado racional quando sua validade é necessária e universal. Por outro lado, é considerado histórico quando sua origem está ligada à experiência empírica, ou seja, ao contexto e às circunstâncias particulares em que foi adquirido.

Um conhecimento pode possuir uma origem objetiva em sua experiência e possuir uma validade objetiva universal, pois segundo Kant: "(...) pode haver algo que objetivamente é conhecimento racional e que, no entanto, subjetivamente é histórico apenas" (KANT, 2018, p. 659). O autor aborda isso da seguinte maneira:

> Os conhecimentos racionais opõem-se aos conhecimentos históricos. Aqueles são conhecimentos a partir de princípios (ex principiis); estes conhecimentos a partir de dados (ex datis). Um conhecimento, porém, pode provir da razão, e não obstante, ser histórico; assim, por exemplo, quando um simples letrado aprende os produtos de uma razão alheia: seu conhecimento de semelhantes produtos da razão é meramente histórico [...] (KANT, 2018, p. 659).

Não se pode dizer que todo conhecimento histórico é racional, exemplo disso é o senso comum equivocado que se cria nas sociedades ou até mesmo as crenças supersticiosas passadas através das tradições orais, essas são históricas, mas, isentas de racionalidade. Porém, existem sim alguns conhecimentos históricos e racionais quando surgem de princípios da razão pura e transmitidos pelas experiências, de maneira histórica. Frente a essa diferença depara-se com a possibilidade de explanar a respeito da diferenciação entre o ensino da filosofia e o ato de filosofar.

De acordo com Kant (2018), a filosofia, da mesma forma como a matemática, é racional. Nomeando de filosofia a sistematização de todos os conhecimentos filosóficos, em outros termos, a organização dos diversos intentos de filosofar ao longo da história. Podemos entender a filosofia como "[...] uma simples ideia de uma de uma ciência possível que em parte alguma é dada in concreto, mas de que procuramos aproximar-nos por diferentes caminhos" (KANT, 2018, p. 661), de maneira que, opostamente, só existe "filosofia" devido a existência do filosofar. Ainda segundo o autor, não é possível aprender nenhuma filosofia, já que ela ainda não "está dada",

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

sendo ela uma ideia da razão que possibilita um pensar por conceitos. A aprendizagem do filosofar, em outra perspectiva, é realmente possível e se faz necessária quanto a própria instituição dessa ciência (KANT, 2018, p. 660). O pensamento kantiano vai na defesa de que:

> Até então não se pode aprender nenhuma filosofia; pois onde está ela? Quem a possui? Por que caracteres se pode conhecer? Pode-se apenas aprender a filosofar, isto é, a exercer o talento da razão na aplicação dos seus princípios gerais em certas tentativas que se apresentam, mas sempre com a reserva do direito que a razão tem de procurar esses próprios princípios nas suas fontes e confirmá-los ou rejeitá-los (KANT, 2018, p. 661).

Nas instituições de ensino, o aprendizado e o ensino da história da filosofia são frequentemente realizados. No entanto, o que se observa é a prevalência do que Kant denomina como um conceito escolástico de filosofia, em detrimento de um conceito que efetivamente corresponda à essência do ato de filosofar.

> Mas até aqui o conceito de filosofia é apenas um conceito escolástico, ou seja, o conceito de um sistema de conhecimento, que apenas é procurado como ciência, sem ter por fim outra coisa que não seja a unidade sistemática desse saber, por consequência, a perfeição lógica do conhecimento (KANT, 2018, p. 673).

A filosofia, quando compreendida a partir do conceito escolástico, configura uma espécie de sistema que transforma o ensino da filosofia em um ensino da história da filosofia. Assim, a história da filosofia e o ato de filosofar não estão intrinsecamente vinculados. O aprendizado da história da filosofia não implica, de forma automática, no aprendizado da prática filosófica; trata-se de dois processos distintos dentro do contexto educacional.

> A distinção indicada entre conhecimentos racionais objetivos e subjetivos deixa claro também que, em certo sentido, é possível aprender a Filosofia sem ser capaz de filosofar. Portanto, quem quiser vir a ser um autêntico filósofo tem que se exercitar e, fazer da sua razão um uso livre e não um uso meramente imitativo e, por assim dizer, mecânico (KANT, 2018, p. 672).

Segundo Carvalho (2023), embora o aprendizado da filosofia enquanto sistema e o ato de filosofar não se deem de forma conjunta, é prejudicial que um estudante se limite a aprender apenas a história da filosofia, sem desenvolver a habilidade de filosofar ou entender os processos de pensamento filosófico. Esse aspecto é específico da filosofia. No caso da matemática, por exemplo, não conhecer sua história não impede o aprendizado dos conceitos e equações, sendo suficiente para

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

que o indivíduo aprenda a matéria e atue como matemático, dominando os cálculos. Porém, no campo da filosofia, um estudante de um curso de licenciatura, por exemplo, ao aprender a história da filosofia, não se torna automaticamente capaz de filosofar. Além disso, o simples conhecimento das ideias e argumentos dos filósofos antigos não garante que o futuro educador seja capaz de ensinar o processo de filosofar ou de estimular o pensamento filosófico em seus alunos. Nesse contexto, o ensino torna-se restrito à repetição histórica, sistemática e mecânica, sem promover o desenvolvimento da habilidade filosófica (CARVALHO, 2023, p. 42).

Portanto, é possível aprender a história da filosofia de uma maneira subjetiva e histórica, sem, contudo, aprender a filosofar de forma objetiva e prática. Para Kant, não é possível aprender a Filosofia de maneira plena; ao máximo, podemos aprender a história da filosofia, ou seja, a história da razão. No entanto, ao aprender a usar a razão, torna-se possível, de fato, aprender a filosofar.

Para finalizar esse tópico ainda é necessário abordar a questão da interdisciplinaridade, sendo ela a possibilidade metodológica proposta para o ensino de filosofia na educação básica.

De acordo com o filósofo e epistemólogo Hilton Japiassu (1976), um dos pioneiros no estudo do termo no Brasil, a interdisciplinaridade atua como integradora de saberes, mas para isso requer um certo equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese.

> (..) do ponto de vista integrador, a interdisciplinaridade requer equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade assegura o requisito disciplinar e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa a ser executada. A síntese assegura o processo integrador (JAPIASSU, 1976, p. 65-66).

Para fundamentar a abordagem interdisciplinar lembramos que em suas explicações, Kant (1992) destaca a importância de contextualizar o ensino da filosofia, ou seja, é fundamental ensinar o contexto histórico em que determinada filosofia foi desenvolvida. Como exemplo, ele enfatiza a necessidade de considerar os eventos históricos da época em que a filosofia foi formulada. Afirma Kant (1992, p. 179):

> Essa disciplina [filosofia] será, pois, uma Geografia físico-moral e política, na qual serão primeiro indicadas as peculiaridades da natureza através de seus três reinos, mas escolhendo aqueles entre inúmeras outras que se oferecem

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

> sobremodo à curiosidade geral graças ao atrativo de sua raridade, ou do comércio e da indústria. Esta parte, que contém ao mesmo tempo a relação natural entre todos os países e mares e a base de sua conexão, é o verdadeiro fundamento de toda a História, sem o qual ela pouco se distingue dos contos lendários.

Para Carvalho (2023) o contexto histórico e o período em que um tema estudado se desenvolve são essenciais para uma compreensão mais clara da matéria. Embora seja possível entender o conteúdo sem esse contexto, a abordagem interdisciplinar, envolvendo a história e outras áreas do conhecimento, é valiosa e enriquecedora, tanto no ensino médio quanto nas universidades (CARVALHO, 2023, p. 43). Ao ensinar filosofia, por exemplo, é importante contextualizar, explicando a política da Grécia antiga e o funcionamento da cidadania, para que as obras da época façam sentido. O contexto, portanto, é fundamental, o que frequentemente leva à interdisciplinaridade. Kant (2018, p. 671), em seus escritos, ilustra claramente a interação entre a filosofia e outras áreas do saber:

> Pois a Filosofia no último sentido é, de fato, a ciência da relação de todo conhecimento e de todo uso da razão com o fim último da razão humana, ao qual, enquanto fim supremo, todos os outros fins estão subordinados, e no qual estes têm que se reunir de modo a constituir uma unidade.

As disciplinas presentes nas grades curriculares do ensino médio e nas graduações frequentemente se conectam, muitas vezes mais do que é normalmente observado, o que pode influenciar significativamente o processo de ensino-aprendizagem. A interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento é uma realidade, e ao evidenciar essa interação nas escolas, é possível despertar um maior interesse dos alunos pela filosofia e, de maneira geral, pelo ambiente escolar, especialmente entre os estudantes do ensino médio. Embora a interdisciplinaridade não seja uma exigência para o ensino das disciplinas, é indiscutível a importância de contextualizar os conteúdos abordados. Nesse sentido, a interdisciplinaridade não é uma obrigação, mas se configura como uma abordagem pedagógica altamente interessante, principalmente na busca da autonomia do educando.

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

O PAPEL DOCENTE E A ASCENSÃO AO ESTADO DE ESCLARECIMENTO

Kant foi um dos autores que abordou o papel do indivíduo e sua liberdade de expressão dentro de instituições sólidas na propagação de ideias, aqui pensa-se a universidade, e, possivelmente a escola como um desses espaços.

Em sua obra “O que é Esclarecimento?”, o autor discute os limites e as possibilidades de liberdade dos indivíduos, mesmo quando pertencem a instituições que determinam os papéis que devem desempenhar.

> Para este esclarecimento [«*Aufklärung*»] porém nada mais se exige senão LIBERDADE. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões (KANT, 1985, p. 104)

Ele destaca a importância dessa liberdade como um meio para o progresso, especialmente em uma época considerada de esclarecimento. Vejamos alguns conceitos que ajudaram no entendimento dessa obra:

> Esclarecimento [«*Aufklärung*»] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele é próprio culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude*! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [«*Aufklärung*»]. (KANT, 1985, p. 100)

O filósofo argumenta que, mesmo em contextos institucionais rígidos, os indivíduos devem ter a liberdade de analisar e desenvolver suas próprias ideias, mesmo que estas sejam contrárias às normas da instituição à qual pertencem. Isso fica claro na seguinte passagem:

> Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: não raciocineis! O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: raciocinai, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, mas obedecei!). Eis aqui por toda a parte a limitação dá liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento [<*Aufklärung*>]? Qual não o impede, e até mesmo favorece? Respondo: o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento[<*Aufklärung*>] entre os homens. O uso privado da razão pode, porém, muitas vezes, ser muito estreitamente limitado, sem, contudo, por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento [<*Aufklärung*>] (KANT, 2009, p. 2).

Embora existam limitações quanto aos papéis que devemos desempenhar, Kant aponta, que se pode e deve-se fazer o uso da razão, mesmo sob condições

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

específicas. O filósofo distingue dois tipos de uso da razão: um público e um privado (ALBUQUERQUE, 2024, p. 23).

De acordo com Kant (1985), o uso privado da razão refere-se à utilização da razão no desempenho de uma função ou cargo específico atribuído a uma pessoa, como, por exemplo, os papéis de oficial militar, cidadão, sacerdote ou professor. O autor esclarece a diferença entre o dever relacionado ao uso público e ao uso privado da razão.

Já o uso público da razão ocorre no que Kant (1985) chama de mundo letrado, um espaço dedicado à divulgação de ideias. Nesse contexto, quem faz uso público da razão é visto como um sábio.

> (...) o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [«Aufklärung»] entre os homens. O uso privado da razão pode, porém, muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem, contudo, por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento [«*Aufklärung*»] (KANT, 1985, p. 104).

O mundo letrado pode ser identificado com o que hoje chamamos de academia ou instituições de ensino superior, que oferecem liberdade para o exercício público da razão e a troca de ideias. No entanto, surge a questão: seria possível estender essa liberdade ao espaço escolar, ou seriam necessários limites para o uso da razão dentro das escolas? Essa é uma questão importante, pois a escola, apesar de ser uma preparação para o mundo letrado, também é uma instituição que impõe restrições sobre o papel que os professores devem desempenhar, o que pode dificultar a compreensão do uso da razão nesse contexto.

Segundo o pesquisador Alex Cândido (2020), se considerarmos o "mundo letrado" restrito apenas às universidades, a academia ficaria isolada da sociedade, o que comprometeria a propagação das ideias acadêmicas. Portanto, é essencial que a escola também seja vista como um espaço de "mundo letrado", contribuindo para o uso público da razão e para o progresso intelectual dos indivíduos. A escola deve ser um ambiente que prepare os alunos para participar do debate acadêmico e para alcançar o esclarecimento, afastando-os da menoridade intelectual (CÂNDIDO, 2020, p. 213). Nesse sentido, cabe perguntar: qual é o papel do professor dentro desse espaço?

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

Seguindo a linha de raciocínio Kantiana pode-se dizer que o papel do professo é guiar os alunos para fora da menoridade intelectual e ajudá-los a alcançar o esclarecimento. Aparentemente, pode parecer contraditório que o professor, em sua função institucional, tenha que fazer uso privado da razão em um ambiente onde o uso público seria esperado. No entanto, essa aparente contradição é resolvida ao entendermos que o uso público da razão é fundamental para a superação da menoridade intelectual. O professor, mesmo em sua posição institucional, deve exercer a razão de forma pública, promovendo o progresso dos alunos para que se tornem indivíduos esclarecidos.

Portanto, é claro que o professor, em sua função institucional, deve utilizar sua razão de maneira pública, a fim de proporcionar aos alunos as condições necessárias para que deixem a menoridade intelectual e alcancem o esclarecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão kantiana, evidencia-se a distinção fundamental entre os conhecimentos racionais e históricos, que se desdobram em duas abordagens cruciais: a filosofia enquanto sistema e o ato de filosofar. Kant ressalta que, embora seja possível que se aprenda a história da filosofia, este aprendizado, por si só, não implica no domínio da prática filosófica (filosofar). O processo de filosofar não pode ser reduzido a uma mera repetição de saberes passados; exigindo-se assim a aplicação ativa da razão e o exercício contínuo da capacidade crítica. O conhecimento histórico pode ser rico, mas a filosofia, enquanto prática, demanda mais que o reconhecimento dos produtos da razão, pois envolve a capacidade de aplicar princípios racionais de forma independente e criativa.

Neste contexto, a aprendizagem filosófica deve transcender o mero estudo da história da filosofia, não apenas para apreender os feitos dos filósofos, mas para estimular o desenvolvimento da habilidade de filosofar. Isso implica em um processo de exercício constante da razão, que deve ser cultivado tanto nas instituições de ensino quanto no próprio ato pedagógico. O ensino da história da filosofia, por mais relevante que seja, não pode substituir o aprendizado do filosofar. Em consonância

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

com Kant, é necessário que o educando se aproprie da razão de maneira autônoma e crítica, a fim de ultrapassar a menoridade intelectual e alcançar o esclarecimento pleno.

A interdisciplinaridade, como também enfatizado por Kant, surge como uma ferramenta essencial no ensino da filosofia. Contextualizar o conhecimento filosófico dentro de seu tempo e relacioná-lo com outras áreas do saber permite uma compreensão mais ampla e profunda das ideias filosóficas. Ao integrar a história e outras disciplinas, o ensino da filosofia se torna mais acessível e relevante, permitindo aos alunos não apenas compreender o pensamento filosófico, mas também situá-lo em um quadro histórico e cultural mais amplo.

Por fim, o papel do professor, em linha com as ideias kantianas, é fundamental não apenas como transmissor de conhecimento, mas como facilitador do processo de esclarecimento. Em um ambiente escolar, o professor deve promover o uso público da razão, incentivando o pensamento crítico e a reflexão filosófica. Mesmo dentro dos limites impostos pela função institucional, o educador deve ser um agente de transformação, guiando os alunos para além da simples memorização de conteúdos e conduzindo-os ao desenvolvimento de uma razão autônoma e esclarecida. Assim, a educação filosófica se configura não como um simples ensino de idéias, mas como um convite à liberdade intelectual e à formação de cidadãos críticos, capazes de atuar no mundo com uma razão livre e esclarecida.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wanessa Fernandes de. Perspectivas do esclarecimento kantiano na sala de aula a partir do ensino de filosofia como problema filosófico. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2024. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/9309. Acesso em: 07 de janeiro de 2025.

CÂNDIDO, Álex Deiwison Fiel de Andrade. Esclarecimento, emancipação e educação: notas sobre o papel do professor na contemporaneidade. O Manguezal—Revista de Filosofia, v. 1, n. 5, p. 210-217, 2020.

SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital
ISSN 2595-5934
REVISTA ACADÊMICA DIGITAL
MAR 2025 EDIÇÃO Nº83

CARVALHO, Amanda Victória Milke Ferraz de. O ensino de filosofia: uma visão kantiana. Alamedas, v. 11, n. 2, p. 40-50, 2023.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KANT, I. Resposta à Pergunta: O que é esclarecimento? Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.217v.1, n.5, issn: 2674-7278

KANT, Immanuel. Que é Esclarecimento? In: ____. Textos Seletos. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p.100-116.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 9ª ed. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Mojurão. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2018.

KANT, Immanuel. Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no Semestre de Inverno de 1765-1766. In: *Lógica*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1992.